

## Estudantes Universitárias (os) Opinam sobre as Motivações do Sexting. A Busca por Contingências Culturais

### Undergraduate Students Give Opinions on Sexting Motivations. The Search for Cultural Contingencies

Fabricio de Souza<sup>1</sup>, Ana Bárbara Vieira Sinay Neves<sup>1</sup>

[1] Universidade Federal da Bahia | **Título abreviado:** Sexting e Contingências Culturais. **Endereço para correspondência:** Fabricio de Souza - Instituto de Psicologia UFBA.R. Prof. Aristides Novis, 197 - Federação, Salvador - BA, 40210-630, Salvador, Bahia/BA | **Email:** fabricius.souza@gmail.com | **doi:** org/10.18761/00a234556

**Resumo:** Analisando opiniões de estudantes universitárias (os) sobre as motivações para a prática do *sexting*, esta pesquisa investigou a ocorrência de contingências entrelaçadas e seus efeitos no compartilhamento de conteúdos eróticos pessoais. Participaram deste estudo 100 pessoas (65 mulheres, 33 homens e 02 não binárias), que responderam um questionário semiaberto sobre as motivações para o *sexting*. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo para a verificação dos temas principais nelas contidos. Posteriormente, nessas respostas foram identificados os antecedentes e as consequências do *sexting*. A análise de conteúdo mostrou dois eventos motivacionais mais citados: estimulação sexual e relação interpessoal. As respostas de 08 participantes contiveram 09 descrições de contingências completas que foram analisadas e apresentaram elementos que as caracterizaram como macrocontingências. As contingências observadas nos contextos de estimulação sexual e de relação interpessoal indicam a necessidade da educação sexual para que a vivência da sexualidade em tempos de comunicação tecnologicamente mediada aconteça de maneira mais consciente das possibilidades e dos riscos envolvidos. Foi discutida a importância da intervenção baseada no conhecimento das contingências que caracterizam a prática cultural do *sexting*.

**Palavras-chave:** Sexting, contingência, contingência cultural, cultura.

**Abstract:** Analyzing college students' opinions regarding the motivations for sexting, this research investigated the occurrence of interlocking behavioral contingencies and their effects on the sharing of personal erotic contents. A total of 100 individuals (65 females, 33 males and 02 non-binary) participated in this study and responded to a semi-open questionnaire about the motivations for sexting. The responses were subjected to content analysis to identify the main themes contained in them. Subsequently, the antecedents and consequences of sexting were identified within these responses. The content analysis revealed two frequently motivational factors: sexual stimulation and interpersonal relationship. Eight participants' responses contained nine descriptions of complete contingencies, which were analyzed and presented with elements characterizing them as macrocontingencies. The contingencies observed within the contexts of sexual stimulation and interpersonal relationship highlight the need for sexual education to ensure that the experience of sexuality in the age of technologically mediated communication occurs with a greater awareness of the possibilities and risks involved. The importance of intervention based on an understanding of the contingencies that define the cultural practice of sexting was also discussed.

**Keywords:** Sexting, contingency, cultural contingency, culture.

Adolescentes e jovens adultos têm experimentado diversas atividades mediadas pela internet no decorrer de suas vidas nos dias atuais. O sexting é uma dessas experiências e se constitui em um fenômeno complexo que tem gerado diferentes vivências e resultados muito particulares. Introduzindo novos modos de expressão sexual de jovens e adultos, a troca desse conteúdo contendo mensagens escritas, imagens e/ou vídeos de caráter sexual tem sido interpretada como uma forma divertida de flerte e parte de relacionamentos amorosos (Burén & Lunde, 2018).

Em Souza e Banaco (2018) o sexting é definido como a elaboração, o envio e o repasse eletrônico, de mensagens de texto, de imagens ou de vídeos onde se explicitam as áreas genitais ou outras partes do corpo, com forte cunho sexual, tendo como foco a expressão da sexualidade da pessoa que compartilha tal conteúdo ou de seus parceiros de interação conectados em uma rede social na internet. Dodaj e Sesar (2020), após terem realizado uma revisão sistemática das pesquisas a respeito da motivação para o sexting, ressaltam que esse padrão comportamental envolve quatro formas principais: sexting relacional (relational sexting), o sexting reativo, o sexting forçado e o sexting violento.

O sexting relacional (relational sexting) está associado à construção de relação de amizade com uma pessoa que pode, ou não, ser uma eventual parceira; e à manutenção de um relacionamento amoroso. O sexting reativo é uma forma de auto-expressão ou exploração de características pessoais, especialmente aquelas ligadas à sexualidade. Essa classificação engloba também a troca de conteúdos íntimos como um comportamento lúdico e como fator para a construção de popularidade. Quando existe uma pressão de parceiras e de parceiros para o compartilhamento, o sexting forçado se evidencia, especialmente em contextos de relacionamentos românticos e nos grupos de pessoas tidas como amigas. Se a troca de informações íntimas envolve a relação entre adultos e adolescentes, se há elemento de abuso sexual, trapaça, extorsão, ou ainda se dá sem o consentimento das pessoas envolvidas, tem-se o sexting violento (Dodaj & Sesar, 2020).

Embora existam variáveis motivacionais diversas, o sexting deve ser considerado uma experiência sexual tecnologicamente mediada cujos determinantes precisam ser investigados segundo os prin-

cípios da Análise do Comportamento. Lembrando Wang et al. (2016), somente com a compreensão de uma ampla gama de variáveis presentes nesse exercício de sexualidade mediada é que será possível pensar intervenções culturais adequadas e que considerem as possibilidades e as dificuldades trazidas pelas tecnologias de comunicação.

Souza e Banaco (2018) assumem que é possível estudar o sexting como um fenômeno cultural complexo. Entretanto, são necessários esforços para que haja a devida caracterização do fenômeno e, conseqüentemente, o conhecimento dos efeitos gerados no grupo de interação. Como ressaltam estes pesquisadores, é pertinente considerar que as investigações sobre o sexting também devem se voltar para processos comportamentais individuais, como por exemplo, “os reforçadores e sua imediaticidade, a disponibilidade e a característica dos antecedentes, os efeitos imediatos e os de longo prazo provenientes da prática e os esquemas de reforçamento que podem estar envolvidos” (p. 138).

Por envolver contingências comportamentais entrelaçadas de duas ou mais pessoas, e pelo fato destas atuarem ora como estímulo antecedente, ora como ambiente consequenciador para as respostas de quem está atuando nessa troca de conteúdo, Souza e Banaco (2018) consideram o sexting um comportamento social que, de alguma forma, poderia estar funcionalmente associado à manutenção e ao fortalecimento de laços sociais.

Se o sexting favorece, por exemplo, o fortalecimento do repertório de intimidade<sup>1</sup> (aumento da emissão de comportamentos vulneráveis à punição que não são punidos pelo interlocutor), este repertório pode vir a ser compartilhado por pessoas ou grupos por causa dos efeitos sobre as contingências individuais e caracterizado como um macrocomportamento<sup>2</sup> que estimula fortalecimento do

1 O conceito de intimidade foi descrito por Cordova e Scott (2001) como um processo interpessoal envolvendo a emissão de comportamento vulnerável à punição interpessoal (CVPI), que é reforçado pelo ouvinte.

2 O conceito de macrocontingência enfoca a relação contingente entre comportamentos operantes que são controlados por contingências individuais e/ou contingências comportamentais entrelaçadas controladas por metacontingências e um efeito cumulativo que se julgue socialmente significativo (Glenn et al., 2016).

repertório de intimidade como efeito cumulativo das respostas individuais (Cordova & Scott, 2001; Glenn et al., 2016).

Caso o entrelaçamento de contingências individuais, para além do fato de possibilitar a posse e visualização das imagens de nudes das (os) colegas, ou de outras pessoas envolvidas em suas redes de interação, proporcionar um ambiente que facilite o fortalecimento de repertórios de intimidade e agências controladoras específicas, como a educação ou a família, que liberam reforçadores sociais contingentes ao estabelecimento de vínculos de intimidade, poder-se-ia pensar no sexting como integrando uma metacontingência<sup>3</sup> onde o fortalecimento de repertórios de intimidade seriam um produto agregado. Assim sendo, os efeitos do reforçamento social contingente ao fortalecimento de repertórios de intimidade em uma díade ou grupo fariam com que o ambiente selecionasse não as respostas individuais, mas o entrelaçamento das contingências comportamentais responsáveis pelo produto agregado (Glenn et al., 2016).

Se a coesão grupal, o fortalecimento das relações de amizade e o sentimento de pertencimento a um grupo, por exemplo, dependerem basicamente da posse do material compartilhado, o sexting se caracterizaria como um macrocomportamento e, conseqüentemente, a manutenção e o fortalecimento dos laços sociais seriam um efeito cumulativo das respostas individuais de quem se envolve nessa prática. Mas se o entrelaçamento de contingências individuais, para além do fato de possibilitar a posse e a visualização das imagens de nudez das (os) colegas, ou de outras pessoas envolvidas em suas redes de interação, proporcionar o estabelecimento de regras, de acordos e de uma privacidade própria do grupo de interação, poder-se-ia pensar no sexting como uma metacontingência onde a manutenção e o fortalecimento dos laços sociais seriam um produto agregado. Assim sendo, os efeitos deste tipo de consequência fariam com que o ambiente selecionasse não as respostas individuais, mas o entrelaçamento das contingências comportamen-

tais responsável pelo produto agregado (Souza & Banaco, 2018).

Não se pode desconsiderar o papel do comportamento verbal na seleção e na manutenção do sexting. Baseado na discussão de Andery et al. (2005), é possível afirmar que as contingências verbais se constituam em contingências de suporte para o entrelaçamento de contingências individuais, seja por evocar por primeira vez uma resposta antes desta ter sido conseqüenciada, seja por promover outras contingências através do comportamento governado verbalmente (ver também Glenn et al., 2016).

Todorov (1987) e Todorov et al. (2004), analisando textos jurídicos, propuseram um método de investigação que favorece a identificação e o agrupamento dos diferentes elementos componentes das contingências do nível cultural. Esse método foi replicado em mais de vinte artigos, capítulos de livro, teses e dissertações, como apresentam Albuquerque e Lemos (2022) em uma revisão sobre o tema.

Na análise de Todorov et al. (2021), tendo como base a da Lei 11.3410, de 7 de agosto de 2006, conhecida como “Lei Maria da Penha, é possível observar a maneira como os elementos dos textos foram classificados como resposta, antecedente e conseqüente de forma a manter agrupados os diferentes termos constituintes das contingências. Os pesquisadores partiram do pressuposto de que as relações condicionais presentes nos textos estudados são importantes para que sejam alcançados os efeitos que a lei estabelece.

Os trabalhos de Todorov et al. (2021) e de Valderlon et al. (2021), buscando identificar contingências entrelaçadas descritas no texto de uma lei, utilizando a metodologia de análise proposta por Todorov et al. (2004), apresentaram à comunidade científica uma proposta de análise de contingências que pode ser adaptada à investigação do sexting considerando que estudar este tipo de interação tecnologicamente mediada esbarra nas dificuldades para a observação direta do comportamento e na falta de disponibilidade das pessoas para falar sobre o assunto.

Partindo da constatação de que as normas sociais já representam um ambiente cultural (Fonseca et al., 2022), investigar o que as pessoas verbalizam a respeito do sexting pode ajudar a responder se

3 O conceito de metacontingência descreve a relação entre contingências comportamentais entrelaçadas e seu produto agregado e uma condição ambiental selecionadora (Glenn, et al., 2016).

o entrelaçamento de contingências é recorrente, se a consequência produzida depende exclusivamente desse entrelaçamento (produto agregado) ou é gerada pelo acúmulo do que é originado por comportamentos individuais (efeito cumulativo) (Souza & Banaco, 2018).

Assim, o presente trabalho descreve uma pesquisa delineada para investigar as contingências mantenedoras do sexting entre pessoas universitárias com idade igual ou superior a 18 anos. O objetivo foi analisar as respostas escritas das (os) estudantes para 1) identificar as contingências envolvidas no compartilhamento de conteúdos pessoais eróticos, 2) verificar a existência de possíveis produtos agregados ou efeitos cumulativos e, então, 3) avaliar se o sexting é descrito como metacontingência ou macrocontingência.

Para se chegar a este objetivo foi realizada uma coleta de dados com estudantes universitárias (os) que responderam a um instrumento que solicitava opiniões a respeito do que julgavam ser os elementos motivacionais para a prática do sexting e quais seriam seus benefícios individuais e grupais.

Assume-se aqui que a importância deste estudo se fundamenta na necessidade de aprofundar a compreensão da proposta analítico-comportamental de análise de práticas culturais tomando como base trechos de relatos de pessoas sobre suas experiências frente a um comportamento associado à sexualidade tecnologicamente mediada. O trabalho se propôs a aplicar os aspectos teóricos da análise de práticas culturais na tentativa de identificar contingências a partir da análise de respostas verbais a um questionário.

É pertinente ressaltar também que conhecer a dinâmica das contingências culturais no exercício da sexualidade mediada pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento da sociabilidade. Isso é importante porque o acúmulo de conhecimento nesse campo de estudo é relevante tanto para práticas educacionais envolvendo a sexualidade e a sociabilidade quanto para as práticas clínicas orientadas para essas temáticas.

## Método

Esta investigação contou com a colaboração de 100 participantes universitárias (os), sendo 65 mulheres, 33 homens e 02 pessoas que se identificaram como não binárias. Desse total, 61 estudavam em instituições públicas e 39 em particulares. As (os) participantes responderam a um questionário semiaberto e online que favoreceu o engajamento de 58 pessoas da região nordeste, 19 da região sudeste e 23 da região sul do Brasil.

A decisão de coleta de dados com participantes universitárias (os) deu-se porque o grupo de pesquisa coordenado por uma (um) das (dos) autoras (es) deste estudo já investiga o o sexting entre adolescentes. Foi pensada a possibilidade de estudar outro público na expectativa de que as informações obtidas pudessem complementar e/ou oferecer novas direções para as investigações do grupo.

Após a elaboração do instrumento de coleta de dados em uma plataforma online, foi gerado um link de acesso cuja difusão deu-se “por conveniência” pelas (os) pesquisadores. O link foi compartilhado no Whatsapp, no Instagram ou no Facebook de estudantes da instituição de ensino onde as (os) autoras (es) lecionam. Foi solicitado que o link chegasse às pessoas universitárias com idade igual ou superior a 18 anos, independentemente dos seus cursos.

Os primeiros 20 questionários respondidos foram analisados pelas (os) pesquisadores a fim de verificar se o instrumento estava produzindo dados condizentes com os objetivos estabelecidos e se as perguntas estavam adequadas para a obtenção dos dados esperados. Se essas condições não tivessem sido satisfeitas, o instrumento seria fechado para adequações e reaberto posteriormente. Em 7 dias o instrumento de coleta foi respondido por 100 pessoas e, conseqüentemente, configurado para não mais ser acessado por mais participantes.

O questionário elaborado continha seis perguntas fechadas que solicitavam das (os) participantes informações sobre idade, gênero, região e estado de residência e instituição de ensino frequentada. Também constituíram o instrumento quatro perguntas abertas para que as pessoas pudessem responder a respeito de suas motivações para o sexting (“Por qual motivo você compartilha, ou comparti-



lhou, esse tipo de conteúdo? Por que decidiu tomar essa atitude?”), dos elementos envolvidos na tomada de decisão para o compartilhamento (“Com quem você compartilha conteúdos eróticos pessoais e em quais situações?”), dos aspectos positivos que elas julgavam presentes na prática (“Existe algum aspecto positivo em compartilhar este tipo de conteúdo? Qual seria?”) e de possíveis efeitos que essa troca poderia ter sobre as pessoas envolvidas (“Existem efeitos positivos da troca de nudes ou outros conteúdos eróticos pessoais) sobre as relações sociais entre as pessoas envolvidas? Se sim, quais?”).

Todas as exigências éticas vigentes para a realização de pesquisas com seres humanos foram observadas conforme as resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS (Conselho Nacional de Saúde) e o Código de Ética Profissional do Psicólogo, mais especificamente o artigo 16. A investigação recebeu parecer favorável do comitê de ética responsável por sua análise (CAAE 59544316.0.0000.5686) e assegurou que as/os participantes recebessem e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados quantitativos obtidos com as perguntas fechadas foram resumidos numericamente através do cálculo dos seus percentuais. Os dados provenientes das perguntas abertas foram inicialmente analisados com base na análise de conteúdo (Bardin, 1977; Bauer, 2008). A decisão pelo uso desse instrumento de análise se deu considerando que na observação dos principais temas presentes nas respostas dadas seria possível obter informações a respeito das relações de controle entre a resposta das (os) participantes e o possível contexto de seleção. Também foi ponderada a possibilidade desse tipo de análise auxiliar na identificação de “possíveis indicadores” de consequências individuais ou grupais. Após as categorizações iniciais terem sido concluídas, os relatos das (os) participantes foram analisados segundo a proposta de Todorov et al. (2004) e de Todorov et al. (2021).

Em cada relato houve a tentativa de identificar o antecedente e a consequência para a resposta de “compartilhar sexting”. Conforme os critérios de Todorov et al. (2004) e Todorov et al. (2021), foram adotadas as seguintes definições para as classificações: Antecedente: o enunciado descreve contextos, condições e circunstâncias para a ocorrência

do comportamento; Resposta: o enunciado especifica a ação de um sujeito, que pode ser definida implícita ou explicitamente e Consequência: foram apresentadas alterações no ambiente, posteriores ao comportamento, que poderiam modificar a probabilidade de ocorrência desse comportamento.

Dados os parâmetros acima, cada relato foi analisado com o objetivo de identificar a ocorrência de contingências completas (antecedente, resposta e consequência) ou incompletas, que continham descrições relevantes, de acordo com a análise de conteúdo (detalhando aspectos frequentes nos relatos das/os participantes). Em seguida, nos relatos contendo contingências completas foram observadas as possíveis ocorrências de informações que apontassem para efeitos cumulativos ou produtos agregados.

Em resumo, em um primeiro momento as respostas das (os) 100 participantes foram submetidas à análise de conteúdo para que fossem observados os principais temas presentes nas falas sobre a motivação para o sexting. Depois, foram identificadas e analisadas as contingências completas que pudessem indicar a ocorrência de possíveis produtos agregados ou efeitos cumulativos.

Após reiteradas leituras dos dados brutos, durante a fase de análise de conteúdo, foram construídas nove categorias atinentes às temáticas presentes no conjunto das respostas dadas, como descrito na Tabela 1: Preocupação com o bem-estar da (o) parceira (o), Exaltação de atributos corporais e autoestima, Estimulação sexual, Percepção de risco, Relação interpessoal, Regras de compartilhamento, Ludicidade, Ausência de compartilhamento e Relação à distância e saudade.

Tabela 1. Categorias construídas no processo de análise de conteúdo

Categorias	Descrições	Exemplos
Preocupação com o bem-estar da (o) parceira (o)	Cuidado para que a pessoa envolvida não se sinta mal ou desconfortável	"Acho que é muito pessoal de cada um, teria que saber da história e como isto pode ser reforçador para o outro" (Participante 001, Feminina)
Exaltação de atributos corporais e autoestima	Troca de conteúdos íntimos para evidenciar atributos corporais, práticas sexuais para sentir autoestima	"Eu e minhas amigas trocamos fotos sensuais para nos elogiar e aumentar nossa autoestima" (Participante 002, Feminina)
Estimulação sexual	Produzir, em si e na outra pessoa, excitação e prazer	"Pode auxiliar na excitação saudável de ambas pessoas envolvidas" (Participante 019, Masculino)
Percepção de risco	Descrição de perigos que possam estar associados à prática	"Mas a intenção das pessoas nunca é clara e isso pode acabar vazando depois ou ser usado contra" (Participante 064, Feminina)
Relação interpessoal	Buscar, estabelecer e/ou manter relações de proximidade com as pessoas	"Criação de maior intimidade e aproximação" (Participante 098, Masculino)
Regras de compartilhamento	Descrição de condições para que a troca de conteúdos pudesse acontecer	"No entanto, sem mostrar o rosto" (Participante 056, Feminina)
Ludicidade	Descrição da prática como divertida e com caráter de brincadeira	"Só divertimento" (Participante 096, Não binário)
Ausência de compartilhamento	Não há o compartilhamento do conteúdo e/ou a pessoa afirma não saber/ver/ter aspectos positivos do compartilhamento	"Pessoalmente, não vejo nenhum aspecto positivo, visto que não gosto de enviar esse tipo de conteúdo e também não vejo graça em receber" (Participante 078, Feminina)
Relação à distância e saudade	Descreve a prática para lidar com a saudade da pessoa. Descreve também motivação associada à relação à distância	"Mande uma foto uma vez para o cara que eu estava ficando, pois ele ia viajar e ficaríamos alguns dias sem nos ver" (Participante 052, Feminina)

## Resultados e Discussão

Foram selecionados para análise mais apurada os comentários agrupados nas categorias "Estimulação sexual" e "Relacionamento interpessoal".

O motivo para a escolha dessas categorias foi a quantidade de comentários que nelas foram aglutinados. Na categoria "Estimulação sexual" foram agrupados 108 comentários. Na "Relacionamento interpessoal" o total de comentários foi 79<sup>4</sup>. A cate-

goria "Ausência de compartilhamento" teve 43 comentários agrupados. Entretanto, a grande maioria foi da palavra "não" indicando que a (o) participante disse não se envolver em *sexting*. As demais categorias tiveram a quantidade de comentários variando de 3 a 14.

Com os comentários agrupados na categoria "Estimulação sexual" foi possível observar que uma das consequências advindas do sexting é a excitação sexual, o que pode funcionar com estímulo para a ocorrência de uma relação sexual. Comentários como "Para instigar vontade no parceiro" (Participante 081, feminina) e "Acredito que é uma forma de obter um prazer e instigar a um possível ato sexual" (Participante 050, feminina) indicam essa relação funcional específica entre o

4 O relato de uma (um) participante poderia fazer menção a diferentes categorias ao mesmo tempo. Cada menção foi contabilizada em uma categoria de forma que do mesmo relato poderiam ser extraídos comentários diferentes que se adequaram em categorias diferentes. Um exemplo dessa situação pode ser visto no relato do participante 25 listado na Tabela 2.

compartilhamento de conteúdos íntimos e a excitação. Também é possível inferir que, em alguns momentos, a excitação pode ter a função discriminativa para a troca de materiais íntimos, como pode ser visto na afirmação de que um aspecto motivacional do sexting pode ser “O prazer, o jogo, a insinuação” (Participante 064, feminina).

No geral, os demais comentários englobados nesta categoria mostram que existem situações em que o sexting é precedido por respondentes associados à excitação sexual, como por exemplo, “Pelo fato de que estava com desejo e muito excitado” (Participante 096, não binário), e outras onde a excitação é consequência, como na descrição “Para instigar vontade no parceiro” (Participante 081, feminina).

O debruçar-se sobre os comentários categorizados como “Relacionamento interpessoal” revelou que também há no sexting uma consequência de busca pela relação social, pela valorização da proximidade com a pessoa e pela preocupação em como está se dando a relação de confiança entre as (os) envolvidas (os) no sexting. Nesta categoria foi evidenciada a preocupação com o estabelecimento e a manutenção de vínculos sociais quando as (os) participantes expressaram em suas respostas a importância da proximidade, da confiança, da intimidade<sup>5</sup> e de uma boa convivência com aquelas (aqueles) com quem compartilham conteúdos íntimos.

A importância da proximidade foi vista em comentários como “Uma maior conexão” (Participante 003, masculino) e “Gera prazer e aproximação, não necessariamente ligada a relações amorosas, mas também de amizade” (Participante 098, masculino). A importância da confiança na pessoa com quem interage é expres-

sada em comentários sobre “Aumento da confiança e proximidade” (Participante 008, feminina) e “Acredito que para o mesmo existir [o sexting] tem uma confiança mútua e um fortalecimento da relação” (Participante 050, feminina). Intimidade também foi uma condição muito citada, como pode se ver nos comentários “Momento de intimidade” (Participante 024, feminino) e “Maior intimidade e demonstração de interesse” (Participante 025, masculino). As (os) participantes expressaram interesse na vivência de boas relações interpessoais através de opiniões como “Se a pessoa se sentir à vontade para isso, não vejo problema e pode ser positivo para um relacionamento” (Participante 047, feminina), “Aumenta a amizade” (Participante 048, feminina) e “Socialização” (Participante 057, masculino).

Supondo que as informações obtidas nos comentários categorizados como “Estimulação sexual” e “Relacionamento interpessoal” poderiam trazer dicas consistentes para a investigação das contingências culturais presentes no sexting, o trabalho com esses dados passou a ser feito de maneira a construir uma análise interpretativa onde os elementos presentes nos comentários foram classificados como elementos componentes de contingências presentes na relação de troca de conteúdos íntimos.

As contingências envolvidas nas práticas de sexting são compostas por contingências sociais mediadas por uma rede social específica e envolvem, no mínimo, duas pessoas: uma que envia o conteúdo por essa rede e a outra que o recebe. Na análise de contingências, as respostas às perguntas sobre a motivação e os aspectos positivos do sexting foram listadas e organizadas de acordo com seu conteúdo escrito. Como explicitado anteriormente, para esta fase da análise foram utilizados os comentários anteriormente categorizados como “Estimulação sexual” e “Relacionamento interpessoal”. Nos relatos apareceram os elementos que poderiam ser classificados como antecedentes e como consequências para a resposta de sexting. Foram identificadas 9 contingências completas e 91 contingências incompletas. A Tabela 2 agrupa as 9 contingências completas observadas nos depoimentos pertencentes às categorias “Estimulação sexual” e “Relacionamento interpessoal”.

5 Conforme discutido por Almeida et al. (2016) e Silva-Dias e Silveira (2016), a intimidade é um processo interpessoal que envolve o chamado comportamento vulnerável à punição interpessoal (CVPI). Um comportamento que tenha se desenvolvido sob contingências de punição em um contexto específico é acolhido e aceito em outros onde a probabilidade de obtenção de reforçadores positivos é maior que a de punidores. Nesse sentido, o processo de intimidade é construído quando, na relação, uma pessoa emite um comportamento que foi punido em um contexto anterior e que agora, frente àquela (àquele) com quem interage atualmente, é admitido sem que a ele se sigam estímulos aversivos.



Tabela 2. Tríplexes contingências completas alusivas à prática de sexting.

Participante	Antecedente	Resposta	Consequência	Categoria de análise
Participante 056 - Feminina	Porque me senti à vontade para fazer isso, além do tempo que já tínhamos ficando e é alguém em quem confio. No entanto, sem mostrar o rosto.	Sexting	Se forem conteúdos pessoais, algo positivo é provocar um parceiro antes de uma relação sexual, por exemplo.	Estimulação sexual
Participante 058 - Feminina	Para um namorado acredito que hoje é algo que já é visto como normal e serve para deixar o outro com desejo.	Sexting	Para um namorado acredito que hoje é algo que já é visto como normal e serve para deixar o outro com desejo.	Estimulação sexual
Participante 067 - Masculino	Se conteúdo erótico abranger falas e gestos que direcionam a sexo, com os amigos próximos, falamos de sexo de forma descontraída, sem uma pretensão de consumir o ato com algum indivíduo específico. Já com desconhecidos, o conteúdo é mais direto e explícito, pois a intenção é apenas o ato sexual.	Sexting	Se conteúdo erótico abranger falas e gestos que direcionam a sexo, com os amigos próximos, falamos de sexo de forma descontraída, sem uma pretensão de consumir o ato com algum indivíduo específico. Já com desconhecidos, o conteúdo é mais direto e explícito, pois a intenção é apenas o ato sexual. Sexo fácil.	Estimulação sexual
Participante 090 - Feminina	Compartilhei com amigos que também conheciam a pessoa. Por diversão e tesão. Sim, para mim, ela aumenta minha autoestima e apimenta o relacionamento. Para mim, deixa a relação mais leve.	Sexting	Compartilhei com amigos que também conheciam a pessoa. Por diversão e tesão. Sim, para mim, ela aumenta minha autoestima e apimenta o relacionamento. Para mim deixa a relação mais leve.	Estimulação sexual
Participante 025 - Masculino	Para conseguir um pouco de intimidade com a pessoa que tenho interesse, me sentir desejado.	Sexting	Para conseguir um pouco de intimidade com a pessoa que tenho interesse, me sentir desejado.	Estimulação sexual
Participante 025 - Masculino	Para conseguir um pouco de intimidade com a pessoa que tenho interesse, me sentir desejado.	Sexting	Para conseguir um pouco de intimidade com a pessoa que tenho interesse, me sentir desejado.	Relação interpessoal
Participante 041 - Masculino	Eu compartilhava como meio de socialização em um grupo masculino.	Sexting	Eu compartilhei como meio de socialização em um grupo masculino.	Relação interpessoal
Participante 016 - Masculino	O prazer atribuído a este tipo de conteúdo se associa às pessoas envolvidas, fortalecendo o vínculo.	Sexting	O prazer atribuído a este tipo de conteúdo se associa às pessoas envolvidas, fortalecendo o vínculo.	Relação interpessoal
Participante 011 - Masculino	Por curiosidade de quem pediu. Aumento da confiança.	Sexting	Por curiosidade de quem pediu. Aumento da confiança.	Relação interpessoal

Para esta fase da análise de dados decidiu-se trabalhar apenas com as contingências completas para, de forma interpretativa, identificar elementos do ambiente que sejam informações mais particularizadas do contexto. Essa análise interpretativa dos depoimentos de alguns participantes complementa as informações vindas da análise de conteúdo.

A participante 056 escreve que compartilha conteúdos íntimos com uma pessoa conhecida para estimular este parceiro antes de uma relação sexual. O relato parece indicar a existência de uma contingência de reforçamento positivo. De forma semelhante, a participante 058 afirma praticar o sexting com o namorado para que este esteja sexualmente estimulado.

Nas respostas do participante 067, da participante 090 e do participante 025 é possível observar relações funcionalmente semelhantes onde pessoas conhecidas, amigas (os) e namoradas (os) são condições antecedentes para que estabelecem a ocasião para conversas sobre sexo e até mesmo um ato sexual. A participante 090 cita a prática para apimentar a relação e também os efeitos desta sobre o seu sentimento de autoestima<sup>6</sup>. Todas essas contingências parecem engendrar processo de reforçamento positivo.

Mesmo com características que sugerem sua manutenção por reforçamento positivo, as descrições apresentadas pelos participantes 25, 41, 16 e 11 evidenciam relações em que o estímulo reforçador não está associado ao elemento sexual, mas ao estabelecimento ou à manutenção de condições qualificadas como proximidade, intimidade, confiança ou amizade entre as pessoas envolvidas.

Buscou-se também identificar, a partir dos relatos apresentados, descrições que pudessem identificar contingências comportamentais entrelaçadas e

6 Os sentimentos são respostas corporais decorrentes da interação com os ambientes físico e social, e nomeadas segundo uma comunidade verbal específica. Assim, a autoestima é um sentimento decorrente da história de reforçamento positivo social onde o outro reforça os comportamentos de uma pessoa sem salientar prioritariamente a relevância deste comportamento, mas enfatizando a importância que a “pessoa” tem na interação social específica. Autoestima é aqui considerada um sentimento instanciado na interação com um ambiente social onde reforçadores positivos são associados à “pessoa” que compartilha conteúdos sexuais pessoais (ver Guilhardi, 2002; Skinner 1991).

indicar a ocorrência de possíveis produtos agregados ou efeitos cumulativos.

Assim como analisam Valderlon et al. (2021), assume-se que no sexting, quando alguém pede ou envia um nude<sup>7</sup>, esta ação funciona como antecedente para que o “ouvinte” da mensagem reforce, ou não, o comportamento do “falante”, fica explícito o entrelaçamento de contingências mesmo que as respostas das pessoas sejam mantidas por suas consequências individuais diretas.

De acordo com os dados descritos na Tabela 2 é possível afirmar que a prática do sexting é recorrente entre essas pessoas, especialmente as trocas que caracterizam, como apontado por Dodaj e Sesar (2020), o sexting relacional e o sexting reativo. As formas forçadas e violentas não foram identificadas.

Na tentativa de identificar contingências entrelaçadas, macrocontingências ou metacontingências, foram avaliadas as 09 contingências completas observadas nos relatos de 08 participantes apresentadas na Tabela 2. Ao se analisar a contingência em que a participante 056 emite a resposta de sexting tendo como antecedente o interlocutor com quem ela “estava ficando”, e que produz como consequência a excitação sexual nesse interlocutor, é possível identificar um entrelaçamento de contingências. Nas demais contingências descritas esse entrelaçamento também foi observado.

Nas contingências de estimulação sexual, a excitação e o prazer sexual são consequências experimentadas. As respostas das (os) participantes descrevendo essas situações não indicaram elementos que pudessem ser interpretados como um possível produto agregado que estivesse retroagindo sobre o entrelaçamento. Ao contrário, as contingências descritas permitiram inferir a importância das consequências individuais na manutenção da prática e que à consequência “satisfação sexual” caberia a interpretação de um suposto efeito cumulativo.

Na investigação de Brodie et al. (2019) as pessoas que afirmaram ter praticado o sexting relataram uma maior satisfação sexual nas relações com as (os) parceiras (os) de compartilhamento. Tais afirmações parecem ser apropriadas para a análise

7 Gíria que se refere à foto de uma pessoa despida ou de partes descobertas do corpo, especificamente órgãos genitais, nádegas e seios.

dos dados descritos na Tabela 2, ainda que algumas pessoas tenham sinalizado um caráter de diversão do sexting e que, não necessariamente, buscavam o ato sexual em si. De qualquer forma, o caráter excitante do compartilhamento esteve presente em todas as contingências descritas.

Brodie et al. (2019) também afirmam que a exposição a riscos pode ser uma outra consequência a que se deva prestar atenção. Entretanto, as contingências completas aqui analisadas não envolveram elementos de risco e nem sequer apontaram nessa direção.

As contingências indicativas de “relação interpessoal” também mostraram a importância das consequências individuais para a repetição da prática. Com elas também não foi possível identificar um produto agregado. É importante notar, entretanto, que nestas contingências há a referência ao que se chama de intimidade. Quando as (os) participantes citam situações nas quais experimentam o que chamam de socialização, vínculo e confiança, parece plausível poder interpretar que estejam se referindo a um ambiente onde comportamento vulneráveis à punição interpessoal (Almeida et al., 2016; Silva-Dias & Silveira, 2016) podem ser expressos sem que haja punição. Sob tais contingências, quando as (os) participantes compartilham conteúdos íntimos e esse compartilhamento favorece o desenvolvimento do repertório de intimidade, é possível inferir, a partir dos dados analisados, que o fortalecimento deste repertório de intimidade seja um efeito cumulativo.

As (os) participantes da pesquisa de Brodie et al. (2019) afirmaram que o sexting com seus pares românticos contribuiu para uma maior satisfação sexual. Nesse sentido, é possível pensar que o fortalecimento das relações de intimidade também esteja associado a essa percepção de satisfação sexual. Entende-se aqui, de acordo com Glenn et al. (2016), que o fortalecimento das relações de intimidade pode ser apontado como um efeito cumulativo por aparentar ser consequência das relações de contingências individuais das pessoas que praticam o sexting e pela importância social que o repertório de intimidade tem para as relações amorosas. Essa importância pode ser assinalada pelo fato de que um repertório de intimidade quando associado à experiência de satisfação sexual contribui significativamente para que as pessoas tenham uma avalia-

ção positiva daquilo que denominam qualidade de vida (Barros et al., 2008; Ledo, 2016; Salton, 2018; Santos & Meneses, 2019) e isso pode ter significativa importância social.

Os dados analisados não permitiram a identificação de um produto agregado associado ao entrelaçamento de contingências. Ao contrário, esses dados indicam que há a recorrência do sexting em contingências cujos elementos parecem indicar efeitos cumulativos como o fortalecimento do repertório de intimidade em um ambiente que não libera aversivos para comportamentos que, em outros contextos, certamente evocariam punição. Tais contingências apontam para um padrão de interação assemelhado a um macrocomportamento.

Com base na análise de Valderlon et al. (2021) e nos dados apresentados, e nos dados apresentados, é possível indicar a recorrência do sexting como macrocontingência. Amigas, amigos, namorados e namoradas podem adquirir a função de antecedentes para que seus pares as (os) enviem conteúdos íntimos, caracterizando, dessa forma, o entrelaçamento das contingências. Cada pessoa envolvida tem suas respostas individuais reforçadas diretamente e o ambiente reforçador, caracterizado por indivíduos com repertórios de satisfação sexual e de intimidade, constituiria um efeito cumulativo decorrente do sexting. É exatamente para essas contingências comportamentais que as (os) profissionais da psicologia e da educação devem estar atentas (os) para que, como assinalado por Wang et al. (2016), intervenções culturais adequadas possam acontecer.

Como agências controladoras importantes, a psicoterapia e a escola devem assumir o protagonismo no arranjo de contingências promotoras de uma intervenção que considere tantos os antigos padrões comportamentais reforçados pela cultura quanto as especificidades e as inovações trazidas pelas modernas tecnologias de informação e comunicação. A rápida apropriação dessas tecnologias por diferentes grupos sociais deve servir de alerta para que psicólogas (os) e educadoras (es) atentem para as transformações que as relações das pessoas tem apresentado nessa época de interação social mediada por tecnologias digitais sem cair na tentação de pensar que tudo é bom e renovador, mas também assumindo o propósito de não “demonizar” essas práticas aprioristicamente.

Desde o início de sua carreira, Skinner (1953) já escrevia sobre a importância de estudarmos o impacto das agências de controle, que são grupos organizados de pessoas cujos comportamentos têm efeito sobre outros grupos através de estratégias e instrumentos específicos. Em um texto sobre as aplicações do colorismo<sup>8</sup> à prática clínica, Mizael et al. (2021) recuperam uma especificidade da psicoterapia como agência de controle: seu compromisso ético para mitigar as iniquidades sociais. Em seguida as (os) autoras (es) afirmam que o desconhecimento dos fenômenos culturais pode levar as (os) psicólogas (os) clínicas (os) a atuarem de forma a manter situações de opressão. Daí a importância de saber analisar a implicação dos fenômenos culturais na prática clínica.

Mizael et al. (2021) afirmaram que conhecer o fenômeno cultural é fundamental para que terapeutas não incorram no erro de contribuir “para o sofrimento da pessoa atendida, aumentando (ao invés de amenizar) os efeitos colaterais das práticas coercitivas exercidas por outras agências” (p. 75) e intervenham apropriadamente nas contingências mantenedoras de efeitos colaterais aversivos produzidos por outras agências de controle e presentes nas demandas de suas (seus) clientes.

Neste estudo foi utilizada a mesma estratégia de Mizael et al. (2021) propondo situações hipotéticas e plausíveis para investigar como o fenômeno do sexting pode ter implicações na prática dos terapeutas comportamentais. Porém, diferentemente desses autores, o presente estudo incorporou os elementos das análises culturais como parte integrante das demandas clínicas e não apenas como “efeitos colaterais”, já que não é possível separar, de forma completa, o contexto social e de trabalho dos analistas do comportamento de suas atuações clínicas.

A opção teórica descrita acima está fundamentada na seleção por consequências, modelo explicativo utilizado por Skinner (1984) ao final da sua carreira, que compreende a função do comportamento como resultado da variação e seleção em três níveis de análise. O nível filogenético seleciona as características típicas de cada espécie; o nível ontogenético, em que comportamentos operantes individuais são selecionados como resultado da interação de cada organismo com o ambiente em que está inserido, e o nível cultural, que pode ser descri-

to como constituído pela interação dos indivíduos com o ambiente cultural (Fernandes et al., 2017) ou como um âmbito de seleção das características de uma dada cultura (Glenn et al., 2016).

Independente de uma opção teórica por descrever o nível cultural como uma interação entre indivíduo e ambiente cultural ou como um âmbito de seleção propriamente dito, é importante pensar no contexto cultural como parte integrante das demandas clínicas e no contexto clínico como potencial espaço de transformação social. Portanto, os elementos de análises culturais podem fazer parte da reflexão existente entre terapeutas e as pessoas que buscam terapia.

Outro ponto importante é considerar que o fenômeno cultural não se refere apenas a aspectos amplos que não têm influência direta na vida das pessoas, podendo incluir análises dos diversos microsistemas em que clientes estejam inseridos. Dessa forma, uma família imediata, um grupo de amigos, um professor, um chefe, ou outra instituição que tenha influência imediata no indivíduo, podem ser delimitados como um microsistema passível de análise com as ferramentas da análise da cultura. Perceber cada um desses microsistemas e como ocorre a inserção do cliente nesses espaços é importante em um processo terapêutico em termos de análise funcional e construção de intervenções culturalmente contextualizadas (APA, 2017).

Pode-se imaginar, por exemplo, uma situação de atendimento clínico em que uma mulher relata ter tido suas imagens compartilhadas sem sua autorização, após enviá-las para um homem com quem estava tendo um relacionamento casual (APA, 2017). Os estudos sobre sexting podem colaborar para uma prática clínica que compreenda as particularidades do exercício de uma sexualidade tecnologicamente mediada de maneira a contribuir para que as pessoas estejam conscientes dos determinantes envolvidos na vivência dessa sexualidade. Da mesma forma, é preciso conhecer bem as maneiras de proteção frente aos perigos de vazamento do conteúdo e da exposição da identidade, e das providências a serem encaminhadas em caso de danos consequentes dessa prática.

Nesse caso, se a (o) terapeuta, além das demais habilidades requeridas, demonstrar conhecimento sobre as especificidades da interação estabeleci-



da e mantida em contingências tecnologicamente mediadas, terá a capacidade de melhor acolher a pessoa que lhe procurar com queixas ligadas aos danos decorrentes do sexting, bem como orientar essa pessoa no sentido de tomar precisamente as decisões para cessar ou minimizar os danos. Mais que habilidade para lidar com as emoções da pessoa que sofre danos decorrentes do sexting, é preciso que a (o) terapeuta também demonstre conhecer os procedimentos legais que devem ser incluídos no rol de atitudes a serem implementadas.

Em outro exemplo, é possível imaginar uma situação em que um casal que esteja experimentando uma diminuição da frequência e satisfação de suas interações sexuais comece a praticar sexting e observe um aumento da frequência e satisfação de suas interações sexuais. Porém, uma das partes comenta sobre a prática do sexting e seu efeito positivo na forma que o casal estava vivenciando a sua sexualidade, é punida e decide não mais se engajar em práticas de sexting, enquanto a outra discorda da decisão. Em seguida, o casal pode buscar terapia para discutir a situação.

Observa-se uma consequência punitiva sendo liberada de forma contingente ao relato do sexting. O papel da psicoterapia como agência controladora seria ajudar o casal a refletir sobre a prática em termos filogenéticos, ontogenéticos e culturais, bem como a função da crítica recebida e seus efeitos.

Em ambos os casos é preciso ressaltar a importância de conhecer como se estabelecem e como se mantêm as contingências do sexting, bem como a relação destas com outros comportamentos que compõem o repertório de cada indivíduo e os diversos ambientes em que ele está inserido. Como discutido por Souza e Banaco (2018), diferentes maneiras de intervenção podem ser pensadas caso o sexting seja mantido por metacontingências ou macrocontingências. Dadas suas especificidades, uma prática mantida em uma metacontingência requer uma intervenção em nível grupal, ao passo que ações mais individualizadas poderiam se adequar mais se a prática se caracteriza por uma macrocontingência. Os dados analisados neste estudo apontam para esta última.

Entende-se que as afirmações acima são fundamentais, tanto para as (os) profissionais da clínica quanto para as (os) da educação, visto que são essas

pessoas que acabam por receber as demandas por acolhimento e orientação de adolescentes e adultos que estejam envolvidos em casos de sexting, ou estejam sofrendo danos deles decorrentes.

## Considerações Finais

As análises aqui apresentadas foram construídas a partir de depoimentos que revelaram um pouco de como a sexualidade conectada é vivenciada pelo público alvo desta investigação. É preciso que as (os) profissionais da psicologia e da educação estejam atentas (os) para a necessidade de compreender o fenômeno do sexting e pensar em intervenções adequadas para que as pessoas possam exercer sua sexualidade bem informadas e inseridas em um contexto de educação sexual qualificada e eficaz frente às particularidades dos contextos atuais de interação social.

Esta investigação elencou dois principais fatores motivacionais para o sexting: a estimulação sexual e a sociabilidade. Buscou-se compreender as dinâmicas das experiências no compartilhamento de conteúdos íntimos sexuais a partir do referencial analítico-comportamental de investigação e análise de práticas culturais. Mesmo requerendo aperfeiçoamento e maior precisão, as análises apresentadas podem servir de base para novas pesquisas que desejem investigar o sexting como uma prática cultural específica. É preciso que estudos com uma parcela significativa da população sejam implementados a fim de que se possa saber se as informações aqui compiladas podem ser generalizadas para grupos de diferentes faixas etárias, de diversas escolaridades e com suas especificidades socioeconômicas.

Embora as análises tenham sido feitas exclusivamente com as respostas que foram agrupadas nas categorias “Estimulação sexual” e “Relação interpessoal”, é importante reafirmar que essa escolha se deu exclusivamente sob o critério de frequência de comentários em tais categorias. Tal escolha facilitou a percepção de certas particularidades motivacionais e contribuiu significativamente para a identificação de macrocomportamentos e efeitos cumulativos. É preciso que mais investigações sejam implementadas de forma a obter informações

mais precisas sobre possíveis macrocomportamentos e efeitos cumulativos quando o contexto do sexting é caracterizado por outros elementos, tais como a busca por elogios, a ludicidade e a preocupação com as regras de compartilhamento. Também é preciso investigar a existência de contingências comportamentais entrelaçadas e produtos agregados.

A realização de investigações com diferentes grupos e com distintas motivações se faz necessária porque não se pode esquecer que os dados fornecidos pelos participantes e, conseqüentemente, as interpretações deles decorrentes, referem-se a um conjunto específico de pessoas que, muito provavelmente, relatou suas concepções e/ou suas experiências na prática do sexting segundo suas condições de vida e suas experiências. As informações fornecidas são muito particulares e não necessariamente refletem o comportamento da população geral, tampouco a multiplicidade de motivos e as diferentes conseqüências produzidas.

Além do conhecimento proveniente de diferentes grupos, é preciso saber também como os diferentes tipos de sexting produzem suas conseqüências. As tipologias de sexting descritas pelas (os) participantes do presente estudo, o sexting relacional e o sexting reativo, condizem com as definições encontradas na literatura. É de importância fundamental investigar essas práticas de sexting, bem como as do sexting forçado e as do violento, principalmente porque estes tipos têm produzido contingências aversivas para muita gente. Embora não tenha sido o objetivo desta investigação, é salutar assinalar a relevância de estudos que investiguem a relação entre o sexting e o gênero das pessoas.

Os dados aqui apresentados sugerem a ocorrência de efeitos cumulativos decorrentes de macrocomportamentos na prática do sexting. Não foram identificadas condições que apontassem para a ocorrência de produtos agregados nas contingências de sexting. Somente com mais investigações será possível verificar se é possível a ocorrência de produtos agregados na prática do sexting e se efeitos cumulativos são elementos constantes em tais contingências.

As (os) profissionais que forem requisitadas (os) para lidar, por exemplo, em casos de sexting que envolvam algum tipo de violência ou coerção

de seus integrantes, terão suas ações condicionadas às especificidades dos macrocomportamentos e dos efeitos cumulativos em um contexto de não consentimento e de violência. Seja no consultório ou na escola, deve-se considerar que tais motivações exigem abordagens e encaminhamentos muito particulares. Em contrapartida, as pessoas que se envolvem em sexting em um contexto de sociabilidade, consentimento, diversão ou construção de relacionamentos afetivos como um namoro, podem necessitar de um acolhimento e uma intervenção voltados para a construção ou para o aprimoramento de um repertório comportamental funcional para a vivência da sexualidade de forma consciente e mais protegida.

## Referências

- Albuquerque, A. R., & Lemos, R. F. (2022). Análise de contingências em leis e documentos: Contribuições de João Cláudio Todorov. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 30-42. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.V18I1.12694>
- Almeida, M. S., Runnacles, A. L. S., & Silveira, J. M. (2016). Treinos de comportamentos de intimidade para terapeutas em processo de formação em psicoterapia analítica funcional. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 07(02), 212-228.
- American Psychological Association (2017). *Multicultural guidelines: An ecological approach to context, identity, and intersectionality*. Recuperado de: <http://www.apa.org/about/policy/multicultural-guidelines.pdf>
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. A. P. (2005). Análise dos fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. In J. C. Todorov, R. C. Martone, & M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: Comportamento, cultura e sociedade* (pp. 129-147). Santo André: ESEtec Editores Associados.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). São Paulo: Edições 70/Livraria Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1977)
- Barros, L. P. B., Gropo, L. N., Petribú, K., & Colares,

- V. (2008). Avaliação da qualidade de vida em adolescentes. Revisão da literatura. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(3), 212-217.
- Bauer, M. W. (2008). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer, & G. Gaskel (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (7ª ed., pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Brodie, Z. P., Wilson, C., & Scott, G. G. (2019). Sextual intercourse: Considering social-cognitive predictors and subsequent outcomes of sexting behavior in adulthood. *Archives of Sexual Behaviour*, 48, 2367-2379.
- Burén, J., & Lunde, C. (2018). Sexting among adolescents: A nuanced and gendered online challenge for young people. *Computers and Human Behavior*, 85, 210-217. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.003>
- Cordova, J. V., & Scott, R. L. (2001). Intimacy: a behavioral interpretation. *The Behavior Analyst*, 24 (1) 75-86. <https://link.springer.com/article/10.1007/BF03392020>
- Dodaj, A., & Sesar, K. (2020). Sexting categories. *Mediterranean Journal of Clinical Psychology*, 8(2), 1-26. <https://doi.org/10.6092/2282-1619/mjcp-2432>
- Cordova, J. V. & Scott, R. L (2001) Intimacy: a behavioral interpretation. *The Behavior Analyst*, 24 (1) 75-86.
- Fernandes, D. M., Carrara, K., & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamental*, 25(2), 265-280.
- Fonseca, S. A., Costa, D. C., & Sampaio, A. A. (2022). O estudo experimental das relações entre cultura e comportamento verbal: Uma revisão de escopo. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 31-53.
- Glenn, S., Malott, M. E., Andery, M. A. P. A., Benvenuti, M., Houmanfar, R. A., Sandaker, I., Todorov, J. C., Tourinho, E. Z., & Vasconcelos, L. A. (2016). Toward consistent terminology in a behaviorist approach to cultural analysis. *Behavior and Social Issues*, 25, 11-27. <http://dx.doi.org/10.5210/bsi.v25i0.6634>
- Guilhardi, H. J. (2002). Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In M. Z. S. Brandão, F. C. S. Conte, & S. M. B. Mezzaroba (Orgs.), *Comportamento humano: Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor* (pp. 63-98). Santo André: ESETec.
- Ledo, C. M. (2016). *Crenças sexuais, satisfação sexual e qualidade de vida em indivíduos com e sem condições crônicas de saúde*. (Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa). Recuperado de <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/8213>
- Mizael, T. M., Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamental*, 29(4), 65-81.
- Salton, M. Z. (2018). *Satisfação sexual e qualidade de vida em homens jovens*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS). Recuperado de <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10343>
- Santos, C. B., & Meneses, R. F. (2019). Perspetivando a satisfação sexual: Da delimitação do conceito à síntese de evidências. In: T. Vilaça et al. (Eds.), *Interação, interdependência e interseccionalidade em sexualidade e educação sexual: (In)visibilidades e desafios em investigação e prática* (pp. 103-114). Braga: Universidade do Minho.
- Silva-Dias, A. Y. M., & Silveira, J. M. (2016). Comparação de duas intervenções no tratamento de um casal: O treino do comportamento vulnerável à punição. *Acta Comportamental*, 24 (1), 61-77.
- Skinner, B. F (1984). *Contingências de reforço: Uma análise teórica* (R. Moreno Trad.). São Paulo: Abril Cultural (Trabalho original publicado em 1969)
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental* (A. L. Neri Trad.). Campinas: Papirus. (Trabalho original publicado em 1989)
- Skinner, B. F. (1998). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Souza, F., & Banaco, R. A. (2018). A prática cultural do sexting entre adolescentes: Notas para a delimitação do objeto de estudo. *Acta Comportamental*, 26(1), 127-141.

- Todorov, J. C. (1987). A constituição como metacontingência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 7(1), 9-13. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931987000100003>
- Todorov, J. C., Casalecchi, J. G. S., Tomm, T. M., & Albuquerque, A. R. (2021). Contingências descritas na Lei Maria da Penha: Objetivos, papel da família e sociedade. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento / Brazilian Journal of Behavior Analysis*, 17(1), 69-77. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i1.10636>
- Todorov, J. C., Moreira, M., Prudêncio, M. R. D. A., & Pereira, G. C. C. (2004). O Estatuto da Criança e do Adolescente como metacontingência. In Brandão, M. Z. (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (vol 13 pp. 44-51). Santo André, ESETec.  
<https://doi.org/10.18761/PAC.TAC.2019.004>
- Valderlon, Y., Borba, P. M., Queiroz, I. G., Tatmatsu, D. I. B., & Elias, L. R. (2021). Análise de contingências e metacontingências da Lei de Alienação Parental 12.318/2010. *Acta Comportamental*, 29(2), 159-176.
- Wang, M. L., Pereira, M. E. M., & Andery, M. A. (2016). Mídia, comportamento e cultura. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 147-164.

### Histórico do Artigo

Submetido em: 26/03/2023

Aceito em: 18/12/2023

Nome do Editor Associado: Jocelaine M. da Silveira